

Alguns Episódios da Escravidão

RIBAS SILVEIRA — (Ponta Grossa)

Os abolicionistas e republicanos do século passado, espíritos românticos imbuidos das idéias da Revolução Francesa e das obras de Vitor Hugo e Byron, pintaram a escravidão no Brasil com cores excessivamente negras, como fora o cativo na antiga Pérsia, o que não corresponde à realidade dos fatos. Saturado de invencionice e demagogia era o verbo de José do Patrocínio, Tobias Barreto, Castro Alves, Rui Barbosa e outros paladinos do abolicionismo. Esses idealistas utilizavam-se das páginas sombrias da Cabana do Pai Tomaz, que nos conta o cativo na América do Norte, quando proferiam seus discursos incendiários em benefício da raça negra, pleiteando sua libertação com urgência. Apontavam como um câncer social aquilo que constituía a base da economia da nação e assegurava o "dolce far niente" que esses rapazes desfrutavam.

Podemos assegurar que os escravos no Brasil foram tratados com brandura, sendo muito raros os exemplos de severidade para com os cativos. Os abolicionistas, por seu turno, desejavam que se tratasse os africanos com a delicadeza que merece uma donzela educada nos colégios religiosos. Não se recordavam que os pretos procediam da África selvagem e brutal, onde imperava a indolência, a poligamia, a força bruta e a antropofagia. Os negros recém-chegados tinham que ser tratados com a máxima severidade, pois eram piores do que os irracionais. Sim, um cavalo domestica-se em

quinze dias, mas um africano não se amansava em quinze anos.

Melhor do que quaisquer argumentos, atestam a estima com que eram tratados os escravos em nosso país os exemplos que vou citar, cuja veracidade pode ser comprovada em autos de inventário.

Meu bisavô, Hermogenes Carneiro Lobo, legou a terça parte de sua fortuna aos seus escravos e aos pobres desta Província. O legado importou em cento e tantos contos, ou melhor, em muitas leguas de terreno. Havendo dificuldade de entregar o quinhão aos legítimos herdeiros, por serem muito numerosos e acharem-se dispersos, o juiz propoz ao testamenteiro que pagasse aos pobres certa quantia em dinheiro ou mercadorias, apropriando-se da gleba destinada aos legatários. O testamenteiro chamou por editais a pobreza, entregando 100\$000 a cada escravo da casa e cinquenta aos pobres em geral, até perfazer a soma do legado.

Outro parente, cujo nome agora não posso recordar, contemporâneo de Hermogenes, deixou em testamento a terça parte de suas propriedades aos seus escravos.

O referido terreno chama-se Campo Novo, fica situado no município de Ipiranga, e ainda hoje é ocupado quase exclusivamente por pretos, descendentes daqueles felizes escravos que foram libertados e aquinhoados pelo seu amo.

Nesta cidade existia um homem abastado, procedente de Porto Alegre, vulgarmente conhecido pelo apelido de Tam-

ba, senhor de uma dúzia de escravos, que viviam na completa ociosidade. Certo dia, uns vinte anos antes da Abolição, o velho Tamba entregou a carta de alforria a todos os seus escravos. Pois bem: eles suplicaram, de joelhos, que lhes permitisse ficarem vivendo mais algum tempo em sua companhia, porque a liberdade para eles significava o trabalho cotidiano, a pior escravidão.

Outro exemplo: na Fazenda Cambijú, situada neste município, existia mais de uma centena de escravos. Quando veio a Lei Áurea, todos continuaram trabalhando para o seu proprietário, o grande pontagrossense Barão do Guaraúna.

Por outro lado, posso assegurar que os Negros não eram mansos cordeirinhos. Um de meus avós paternos, morador em Itapeva, foi assassinado de tocaia pelos seus escravos, certa madrugada, quando transpunha a porteira de sua fazenda. Mataram-no para roubar.

As pessoas de mais de sessenta anos devem lembrar-se que em quase todas as cidades existiam bairros negreiros, onde campeava a indolência, a bebedeira, a valentia e a desordem. Como a província de Corrientes fôra um homizio de escravos desordeiros, o último quilombo do Novo Mundo, os bairros negreiros eram conhecidos por Corrientes, como se denominava certa zona de nossa cidade, onde reinavam a desordem e a pancadaria.

Finalizando, vou relatar um caso avoengo, sucedido com

Manoel Gomes da Encarnação, meu bisavô paterno, residente no município de Cruz Alta. Tinha ele diversos escravos empregados nos trabalhos agrícolas. Certo dia sua estância foi visitada por uma escolta das forças Farroupilhas, que depois de extorquir-lhe elevada soma em dinheiro, arrastou consigo os seus escravos para engrossar as fileiras revolucionárias. Os negros não gostaram do serviço militar, e fugi-

ram dois meses depois, com grande risco de vida, vindo imediatamente apresentar-se em casa do seu amo. Meu avô escondeu-os no mato Castelhana, durante vários anos, empregando-os no corte de erva mate.

Não sei de nenhum caso em que os escravos tenham guardado rancor contra seus patrões, afastando-se deles após a Abolição.